BETAR ARTES & LETRAS

#157 | OUTUBRO | 2023

Temps d'Images

O festival que explora o intercâmbio entre as artes do palco e a área audiovisual está de regresso a Lisboa

Betar

Reabilitação da Ponte de Tirantes sobre o Rio Arade

FICHA TÉCNICA

Proprietário e Editor: **Grupo BETAR**
Sede: **Av. Elias Garcia nº 53, 2º Esq. 1000-148 Lisboa**
Administração: **José Tiago de Pina Patrício de Mendonça**
Direção: **José Tiago de Pina Patrício de Mendonça**
Redatora: **Cátia Teixeira**
Design: **Jonas Reker**

Betar

EDITORIAL

Em Outubro, a oferta de eventos culturais é muita e bastante variada. A Artes&Letras selecionou propostas para todos os gostos.

O Festival Temp d`images regressa com muitos espetáculos, entre peças de teatro e performances. Na música sugerimos o Concerto de Abertura da Temporada da Orquestra Metropolitana de Lisboa, na Aula Magna; dois concertos de Ricardo Toscano na Culturgest; o bailado "La Sylphide" pela Companhia Nacional de Bailado, no Porto; e o concerto de Marco Rodrigues para apresentação do novo disco, no CCB.

No Teatro Aberto está em cena a peça "Um homem inofensivo", de Álvaro Correia, com interpretação de Filipe Vargas e Renato Godinho; e no São Luiz Teatro Municipal pode assistir a "Europa", de Pedro Carraca.

No Museu Nacional de Arte Antiga pode ser visitada a exposição fotográfica "Jodice – Canova" e no Museu do Neo-realismo, em Vila Franca de Xira, está patente a mostra "Querubim Lapa, uma poética neorrealista".

Outubro é também mês de Doclisboa e Festa do Cinema Francês, dois eventos a não perder para os amantes da sétima arte.

Esta edição da Artes&Letras comporta ainda uma excelente entrevista com o arqueólogo Nuno Neto, que nos fala do fascinante mundo da Arqueologia, uma área com a qual trabalhamos de perto, muitas vezes, no intuito de preservar o património.

Miguel Villar

editor convidado

Residência Artística

A Residência Artística na Quinta de São Lourenço, com os vencedores do Prémio José Mendonça, teve início no dia 17 de Setembro. Convidámos os artistas Laura Caetano, Guilherme Figueiredo, Ana Malta e Francisco Venâncio a descrever o ambiente e o resultado foi este…

O Nosso Grupo

Ao longo de 50 anos, muitos foram os projetos que desenvolvemos. Conheça alguma da nossa atividade

Betar
ESTUDOS E PROJECTOS

Fundações e Estruturas de Edifícios e Hidráulica

O Grupo Betar nasceu em Fevereiro de 1973, com a fundação da Betar Estudos que tinha como atividade principal a prestação de serviços de Engenharia para o sector da Construção Civil e Obras Públicas. Desenvolvemos uma elevada competência no domínio da engenharia estrutural e os nossos técnicos coordenam soluções de todas as disciplinas da engenharia, para edifícios das mais diversas naturezas e utilizações. Atualmente, a experiência acumulada permite a elaboração de projetos de Fundações e Estruturas de Edifícios, incluindo Escavações e Contenção Periférica, e de Instalações Hidráulicas. Cada projeto é um desafio que nos faz recorrer às melhores práticas, equipamentos e ferramentas informáticas, sempre na procura da inovação e das repostas mais adequadas aos nossos clientes.

Betar
CONSULTORES

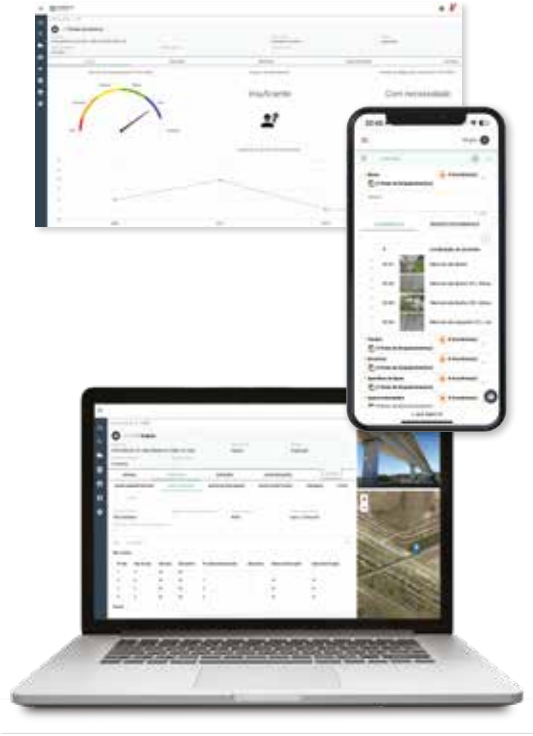
Obras de Arte

No início dos anos 80, a Betar inicia a sua atividade no âmbito dos projetos de Obras de Arte, acompanhando o crescente desenvolvimento e modernização da infraestrutura rodoviária do país. Em Janeiro de 1988 nasce a Betar Consultores que se dedica a projetos de pontes e estradas. Com uma equipa técnica consolidada, hoje somos uma referência no domínio de Projetos, Gestão de Projetos e Fiscalização de Pontes e Estruturas Especiais, promovendo soluções criativas, com uma variedade de opções estruturais e técnicas construtivas, que procuram a melhor relação qualidade-preço e a adequação a todos os condicionalismos.

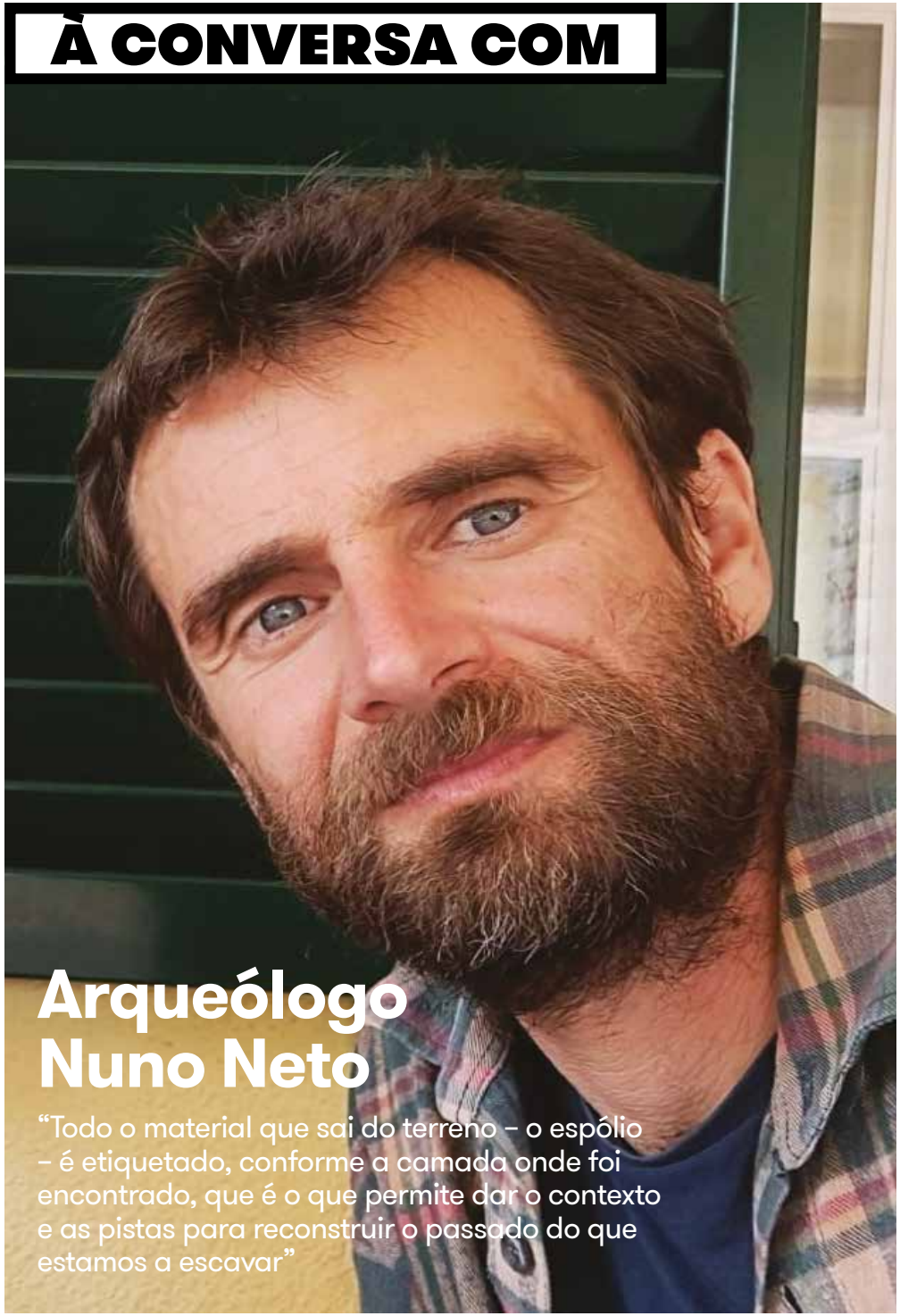
ANIVERSÁRIO

GOA e Infraestruturas e Transportes

Foi com uma mentalidade aberta e vontade de inovar que, em 1998, a Betar desenvolveu e implementou o sistema de gestão de ativos GOA - Gestão de Obras de Arte, uma ferramenta e metodologia suportada por um software de última geração, com soluções tecnológicas inovadoras. O GOA é já padrão nacional na gestão de obras de arte e está também nos mercados Africano, Sul Americano e Asiático.
A área de gestão de ativos da Betar dispõe de uma equipa de especialistas que inspeciona Obras de Arte, Estruturas de Contenção, Pórticos de Sinalização Vertical, Taludes e Túneis.
A Betar atua ainda no setor das infra-estruturas - rodoviárias, ferroviárias e portuárias - com consultadoria que inclui Projetos, Gestão de Projetos e Fiscalização de Obras, na reabilitação e em novos traçados de vias de comunicação.



À CONVERSA COM



Arqueólogo Nuno Neto

"Todo o material que sai do terreno – o espólio – é etiquetado, conforme a camada onde foi encontrado, que é o que permite dar o contexto e as pistas para reconstruir o passado do que estamos a escavar"

ARQUEÓLOGO NUNO NETO

Como surgiu o seu interesse pela Arqueologia e depois a Neoépica?
É uma coisa de miúdo, sempre gostei de tudo o que é antigo. Acabei por não seguir essa área, inicialmente, porque não havia saídas profissionais, segui ciências. Era um infeliz. Quando voltei a estudar segui arqueologia. Atualmente já não faço só aquilo que gosto mais, que é ir para o terreno, porque a partir do momento que criei a empresa comecei a ter outras responsabilidades, coordeno as equipas, estou umas horas no terreno, mas depois vou para outro local e para reuniões…, assim como os outros dois sócios, o Paulo Rebelo e a Raquel Santos. Nós éramos colegas na Nova e ficámos amigos. Fundámos a Neoépica em 2005, inicialmente até éramos cinco sócios. Tivemos bastantes dificuldades, no início, mas acabámos por conseguir entrar no mercado nos canais de rega da barragem do Alqueva e a equipa cresceu. Hoje somos uma empresa estável, com um bom leque de clientes.

Como se processa uma intervenção arqueológica?
O nosso trabalho é obrigatório conforme as zonas do PDM. Na cidade de Lisboa existem 3 níveis de sensibilidade arqueológica. Para fazer um trabalho de arqueologia somos obrigados a fazer um pedido à DGPC – Direção Geral do Património Cultural, com elementos de projeto e um plano de trabalhos.
O caderno de campo é essencial numa intervenção arqueológica, toda a informação que recolhemos é registada de forma escrita, em fichas próprias, e fotografada. Depois temos de fazer um relatório, que é muito complexo, tem parte gráfica, registo de cronologias, uma parte descritiva e outra interpretativa. Hoje, a fotogrametria ajuda-nos a fazer os registos de forma mais rigorosa e expedita.
Todo o material que sai do terreno - o espólio - seja cerâmico, vidro, osso… é numerado e etiquetado, conforme a camada onde foi encontrado, que é o que permite dar o contexto e as pistas para reconstruir o passado do que estamos a escavar. Esse material é depois lavado, inventariado e estudado. O que data o estrato é sempre o espólio mais recente, fazemos datações relativas. Existe espólio muito sensível, como o metálico e o osteológico, que temos de acondicionar em locais com luz e humidade controladas. O espólio, neste momento, é um problema, porque somos os fiéis depositários do material que recolhemos até ser entregue aos organismos próprios. Tudo o que temos armazenado só está a aguardar a aprovação do relatório por parte da DGPC, que tem protocolos com autarquias para o receber. Temos material guardado há mais de três anos. No relatório vai evidenciado o material que tem condições de poder ser exposto, mas cerca de 90% fica em reservas.

E quando as peças não podem ser removidas?
Nós aplicamos o Princípio da Conservação pelo Registo. Se é um vestígio importante do ponto de vista científico, mas patrimonialmente não tem relevância que justifique ficar in sito, aplicamos esse princípio legal: anotamos toda a informação possível, através do registo arqueológico, e retiramos o espólio materialmente transportável.
Os vestígios que têm um bom estado de conservação, que são raros, ou têm uma cronologia menos comum na cidade, procuramos que fiquem no local. Mas não têm de ficar a descoberto nem visitáveis, têm de ficar protegidos e preservados. Claro que se tiverem interesse e puderem ser integrados no projeto, se houver um projeto de musealização, tanto melhor, mas quando se deixa um vestígio a descoberto temos de pensar na sua manutenção. É muito mais difícil preservar um vestígio visível, porque fica sujeito à ação humana e às condições climatéricas.

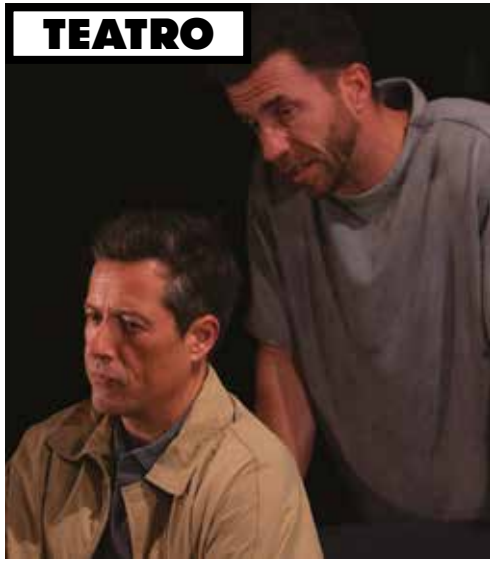
Trabalhos arqueológicos e antropológicos, Praça de São Paulo

Escavação de contextos pré-históricos, Entrecampos

Tudo isso tem implicações nos projetos. A BETAR só intervém depois da vossa avaliação?
Trabalhamos sempre em conjunto. Nós fazemos o estudo arqueológico e transmitimos às equipas de arquitetura e projetista. Neste momento, temos um edifício com o Eng. Miguel Villar onde identificámos zonas com maior sensibilidade e ele foi tentar encontrar forma de não as afetar. O objetivo é chegar a um acordo que permita fazer os reforços estruturais necessários protegendo o património, o mais possível. É preciso bom senso. Nem sempre uma coisa é compatível com a outra. Nos edifícios que necessitam de reforço estrutural, como vários em que a BETAR já teve de intervir, às vezes, não é possível manter o azulejo na parede, por exemplo, e temos de mapear, remover, restaurar e voltar a colocar.
A arqueologia não é só de solo, também há arqueologia nas paredes - que nós chamamos de arqueologia da arquitetura - que permite avaliar se aquele edifício encerra em si outras pré-existências. Quando começamos a descascar os revestimentos podemos encontrar um edifício mais antigo engolido pelo outro. Esta é uma atividade que impacta nas equipas de projeto, as dificuldades crescem à medida que encontramos mais vestígios, por isso é fundamental que seja uma equipa experiente, como é o caso da BETAR. Trabalho com o Miguel Villar há vários anos e reconheço-lhe competências para encontrar soluções. E conhecimento, muitas vezes ajuda-nos a perceber como é que o edifício foi evoluindo, e vice-versa. É um trabalho de equipa fundamental.

SUGESTÕES

Em outubro, a oferta de eventos culturais é muita e bastante variada. Selecionámos propostas para todos os gostos, com destaque para três festivais de renome no cinema e nas artes performativas



Um homem inofensivo

Renato acorda a meio da noite e sente a presença de um estranho em casa. O estranho é Rui, que diz ter entrado apenas para sentir o silêncio. Renato procura decifrar os verdadeiros motivos da vinda de Rui a sua casa, não pode ser só o silêncio... São dois homens sós numa cidade que tacteiam o terreno, aproximam-se e afastam-se, movidos pelo desejo de quebrar a distância e o medo de ficarem demasiado próximos.
Esta peça de Luís António Coelho, foi a vencedora da edição de 2022 do Grande Prémio de Teatro Português, que o Teatro Aberto promove anualmente com a Sociedade Portuguesa de Autores.
EM OUTUBRO

Teatro Aberto, Lisboa

TEATRO

Europa

Numa estação ferroviária abandonada numa cidade fronteiriça sem nome os comboios já não param e a cidade vai-se tornando vazia e introvertida. Uma história íntima sobre privação de direitos, desconexão, amor e saudade, passada numa qualquer pequena cidade europeia perdida num mundo maior. Esta peça mostra personagens em movimento, física e emocionalmente, algumas agarrando-se dolorosamente às certezas do passado, outras procurando novos destinos e experiências. É a resposta de David Greig à guerra civil nos Balcãs e às forças da globalização, que não perde atualidade na Europa em que vivemos.
DE 18 A 29 DE OUTUBRO

São Luiz Teatro Municipal, Lisboa

Festival Temps d'images 2023 - Momento II

O festival que explora o intercâmbio de artistas das artes do palco e da área audiovisual está de regresso a Lisboa com cinco novas obras. A programação, inicia-se com a estreia absoluta de "Temos Apenas o Presente", de Manuela Marques, a 13 e 14 de outubro, no Centro Cultural de Belém. Ao longo do evento, destaque para "LOBA", de Mariana Pacheco de Medeiros, "KALI", de Joana de Verona, "Vaziopleno", de Mário Afonso, "Variações sobre o tempo dos jacarandás", de Sofia Dinger e Yaw Tembe, e Trans*Performatividade, de Aura. O encerramento está a cargo de outra estreia, "A Bola de Cristal", de Luísa Fidalgo, n' A Barraca, a 11 e 12 de novembro.
Este é um festival multi-disciplinar que procura apoiar a criação contemporânea e os seus protagonistas e apresentar propostas inéditas e novos criadores. **DE 14 DE OUTUBRO A 12 DE NOVEMBRO**

Vários locais de Lisboa

MÚSICA

Orq. Metropolitana de Lisboa

DIA 8 DE OUTUBRO NA AULA MAGNA, LISBOA

Mozart e Mendelssohn foram separados por meio século. As diferenças distinguem-se bem. Com elegância e bom humor, o Concerto para Trompa N.o 3 de Mozart cumpre o estilo clássico. Já na Sinfonia N.o 1 e n'As Hébridas de Mendelssohn, sobressaem ritmos vibrantes e melodias mais ligadas à estética romântica.

Ricardo Toscano

DIAS 11 E 12 DE OUTUBRO NA CULTURGEST, LISBOA

Em tempos, Charlie Parker juntou um quarteto de jazz a uma orquestra de cordas clássica. É esta página da História do Jazz que vai ser tocada por um quarteto com Ricardo Toscano e um ensemble de cordas e sopros, dia 12. No dia anterior, Ricardo Toscano apresenta "Chasing Contradictions", o primeiro disco do trio.

La Sylphide

DIA 13 DE OUTUBRO NO COLISEU DO PORTO

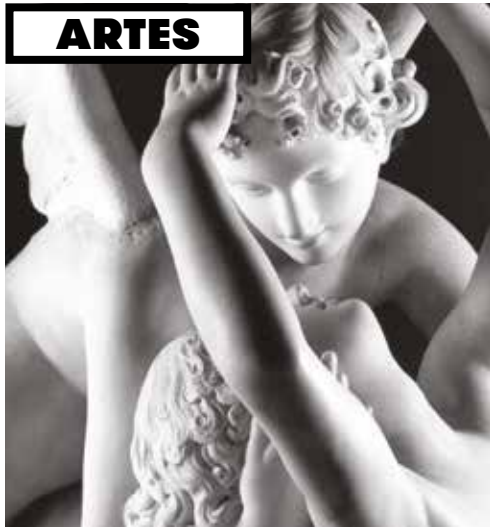
A Companhia Nacional de Bailado apresenta "La Sylphide", de August Bournonville, considerado o primeiro bailado romântico da história da dança, num espetáculo que terá orquestra a interpretar a música ao vivo. A não perder.

Marco Rodrigues

DIA 26 DE OUTUBRO NO CCB, LISBOA

Marco Rodrigues apresenta "Judite", o seu mas recente disco, criado em homenagem à sua mãe, desaparecida prematuramente, o que faz dele o álbum mais emotivo do fadista, que combina o fado tradicional com grandes canções escritas por alguns dos mais conceituados compositores da música pop.

ARTES



Jodice – Canova - Exposição Fotográfica

O Museu Nacional de Arte Antiga e o Instituto Italiano de Cultura de Lisboa apresentam a nova exposição temporária que coloca em diálogo dois artistas italianos de épocas diferentes: um dos maiores escultores do neoclassicismo europeu e um dos maiores intérpretes da fotografia contemporânea italiana e internacional. Uma união que combina o ideal e o real, o corpo e a alma, a matéria e a imagem, com 51 imagens a preto e branco, realizadas no início dos anos 90 por Mimmo Jodice, que percorrem as principais etapas da produção do escultor Antonio Canova, num diálogo entre linguagens artísticas de grande impacto visual. **ATÉ 29 DE OUTUBRO**

Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa

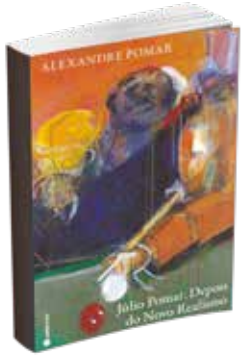
ARTES

Querubim Lapa, uma poética neorrealista

Esta exposição inclui pinturas e desenhos da fase neorrealista de Querubim Lapa, provenientes dos museus do Neo-Realismo, Gulbenkian, Nacional de Arte Contemporânea, de Ovar, da Coleção Caixa Geral de Depósitos e coleções particulares. Trata-se da mais ampla retrospetiva da fase neorrealista do artista. Querubim Lapa é também o autor do magnífico painel cerâmico que decora o espaço da cafetaria do museu.
Ainda em Vila Franca de Xira, no Museu Municipal, é possível visitar a exposição "Gravura – A Matriz de uma Coleção", com obras de Cipriano Dourado, Júlio Pomar, Paula Rego, Cargaleiro, entre outros. **ATÉ DIA 29 DE OUTUBRO**

Museu do Neo-Realismo, Vila Franca de Xira

PARA LER

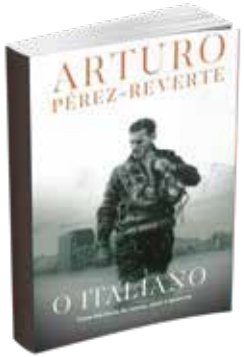


Júlio Pomar: Depois do Novo Realismo
Alexandre Pomar

Quase tudo aconteceu na obra de Júlio Pomar depois do neo-realismo. O filho do pintor, Alexandre Pomar, reuniu os seus escritos, percorrendo a sua longa carreira e formulando interpretações originais: a afirmação da Geração de 45, a partir dos Independentes do Porto; a informação americana vinda na 2.a Guerra e a formação cosmopolita; as obras modernas trocadas com os artistas amigos; e o segundo período militante dos anos 50, antes de passar a outros caminhos. Visita-se ainda a aventura dos frescos do Batalha, o período pop iniciado nos anos 60, as obras brasileiras e a última pintura literária e de História.

O Italiano
Arturo Pérez-Reverte

Durante a Segunda Guerra Mundial, mergulhadores de combate italianos afundaram ou danificaram catorze navios aliados em Gibraltar e na Baía de Algeciras. Elena Arbués, uma livreira de 27 anos, viúva de um oficial da Marinha espanhola, encontra um dos mergulhadores italianos numa praia. É Teseo Lombardo e está desmaiado na rebentação. Quando o socorre, Elena não sabe que esse pequeno gesto mudará a sua vida, e que o amor será apenas parte de uma perigosa aventura. Uma viagem extraordinária através da História e da alma humana, em mais uma obra magistral de Arturo Pérez-Reverte.



CINEMA

Festa do Cinema Francês

A 24a edição da Festa do Cinema Francês oferece ao público obras ousadas, livres e criativas, através de uma vasta programação e muitos artistas convidados. Uma oportunidade para ver o que de mais recente se produziu em França, mas também para ver ou rever alguma da sua mais importante cinematografia. E se todas as secções da Festa do Cinema Francês são especiais, as antestreias revestem-se de um interesse ainda maior, onde podemos sentir o real esprit du temps, com filmes como La Nuit du 12, L'Abbé Pierre - Une vie de combats, Jeanne du Barry, La petite, L'Été dernier, L'amour et les forêts e Un métier sérieux. **ENTRE 5 E 31 DE OUTUBRO**

Em vários cinemas de Lisboa, Almada, Porto, Faro, Coimbra, Oeiras, Lagos, Viseu e Évora

CINEMA

Doclisboa' 23

Nesta edição, o Doclisboa apresenta os melhores documentários da última temporada, muitos deles inéditos em Portugal, que colocam o terrorismo como um desafio às comunidades, mas também ao cinema. O realizador Luís Ospina é objeto de "Ospina Cali Colombia", de Jorge de Carvalho, focado num encontro em Lisboa onde fala da sua vida e trabalho; "A Câmara", de Cristiane Bernardes e Tiago Aragão, em estreia mundial, que acompanha mulheres que exercem cargos na Câmara dos Deputados durante o governo de Jair Bolsonaro; e "L´amitié", de Alain Cavalier, que filma os laços que o às pessoas que o rodeiam. **DE 19 A 29 DE OUTUBRO**

Culturgest, Cinema São Jorge, Cinemateca Portuguesa, Cinema Ideal, Fundação Oriente, Museu do Aljube

ARTES

Ser Humano – Exposição Coletiva

Camões - Centro Cultural Português, Maputo

Por ocasião da celebração dos 20 anos do MUVART – Movimento de Arte Contemporânea de Moçambique, propõe-se uma exposição coletiva de artes visuais. No manifesto redigido aquando da sua criação, o MUVART reivindica a capacidade de reflexão sobre problemas socioculturais. Mergulhar no tema "Ser Humano" é esmiuçar o jogo que resulta da ação da inteligência e desinteligência humana com a sua habilidade de inventar objetos. Nesta mostra, destaque para os artistas: Ângela Ferreira, David Aguacheiro, Félix Mula, Gemuce, Gonçalo Mabunda, Jorge Dias, Luís Santos, Mudaulane, Sónia Sultuane e Thandi Pinto. **ATÉ 3 DE NOVEMBRO**

ARTES

Vim para contar uma História

Centro Cultural Franco-Moçambicano, Maputo

O Centro Cultural Franco-Moçambicano convida o público a descobrir a história que Butcheca tem para contar. Nesta exposição, o artista plático atravessa episódios da sua autobiografia, cruzando memórias de pessoas e lugares da sua história de vida. Na sua pintura, leva-nos pela mão, fazendo-nos mergulhar no seu universo, através de manchas de cores e personagens, que nos transportam para a sua história, que também pode ser a nossa história.
Para além de já ter exposto nas principais galerias moçambicanas, Butcheca já expôs o seu trabalho em Portugal, Alemanha, Itália, Angola, Tanzânia e Japão. **ATÉ 28 DE OUTUBRO**

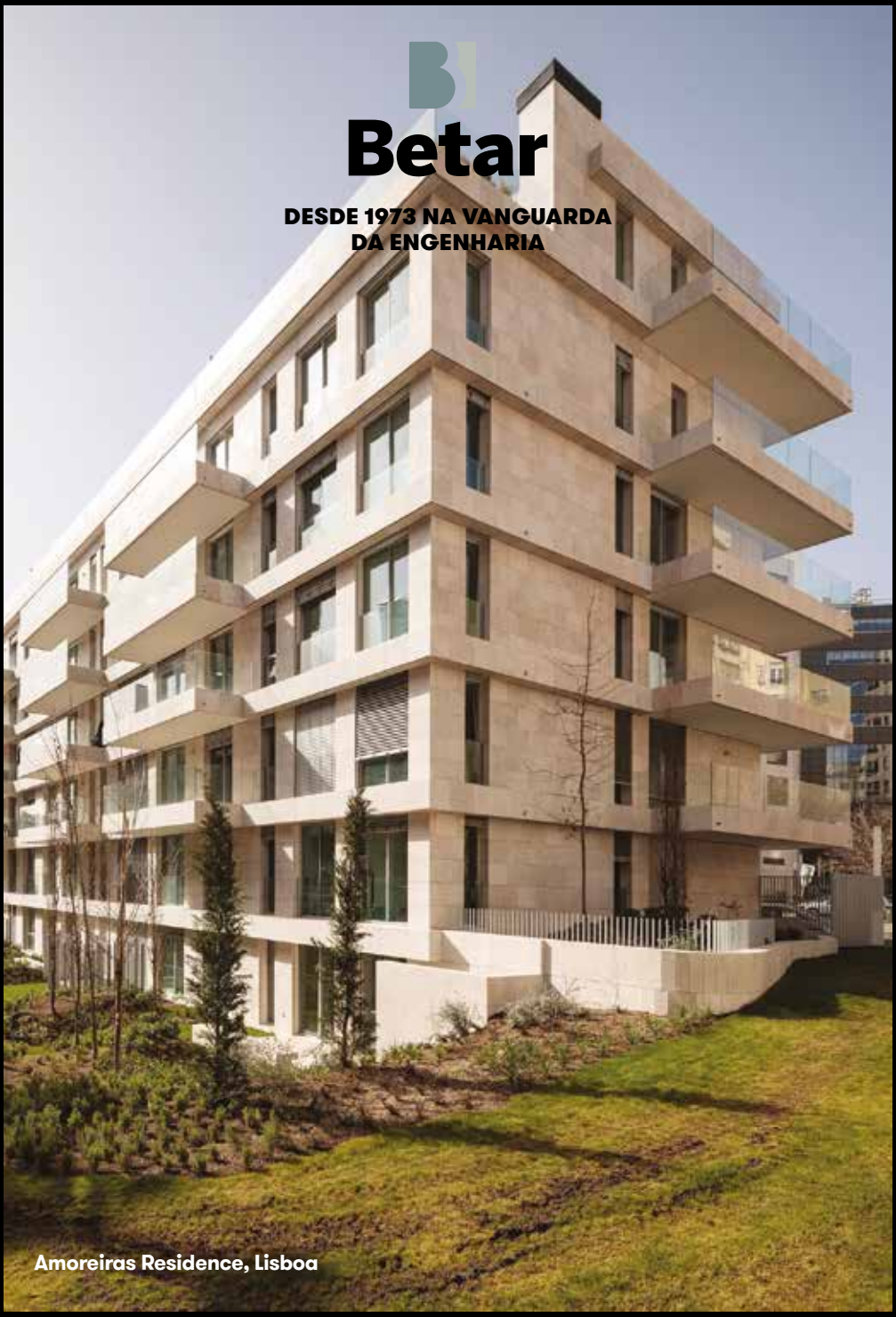
LIVRO

A Grande História de Tróia

Stephen Fry

Stephen Fry é actor, escritor, dramaturgo e realizador. Além disso, é um profundo conhecedor de História que nutre uma fervorosa paixão pela mitologia grega. Nada mais natural que viesse a escrever um livro sobre a guerra de Tróia. Como tantos antes dele, e outros que ainda virão, Fry socorre-se do relato mais conhecido desse evento da História da Civilização Europeia, a Ilíada de Homero. Um relato incompleto, tardio e de duvidosa autoria, diga-se. Incompleto, porque começa quando a guerra já durava há 10 anos (com a disputa entre Aquiles e Agamémnon por duas escravas capturadas) e termina pouco depois (com a morte de Heitor, príncipe de Tróia). Tardio, porque foi escrito 450 anos depois do acontecimento. E de duvidosa autoria, pois restam poucas dúvidas que Homero não escreveu a obra que lhe é atribuída (a escrita na era do Bronze era recurso de pouquíssimos mortais; a língua usada era uma simbiose de dialectos; e o poeta, a ter existido, seria cego). Nada disto desarma Fry. Ele é capaz de preencher a narrativa antes da guerra, alinhando os factos mitológicos (perfeitamente consciente deste oximoro) com os personagens e seus antecessores e como estes conduziram à guerra e ao seu sangrento desfecho. O rapto de Helena, mulher de Menelau, rei de Esparta, não justificaria, por si só, a mobilização de uma frente unida de reis e seus exércitos - quando ainda não existia uma Grécia (que só surgiria com Alexandre). Teria de haver mão dos deuses. Prepararam o cenário, fizeram valer as suas vontades, eram entre eles as disputas (incrivelmente fúteis) e foram eles que condicionaram os mortais a travar essas disputas por eles. E assim traçaram o destino de Tróia e toda a Humanidade. Quis também o destino (ou talvez Tique) que o entrevistado desta edição fosse um arqueólogo. Tróia tem um lugar especial na História da Arqueologia e no seu desenvolvimento enquanto Ciência. Fry não deixa de o referir no final do seu livro, realçando a sua importância para trazer o passado até nós através dos objectos. Quando não há registos escritos, são os objectos do passado que contam a história das civilizações. É um trabalho apaixonante: o resultado surge séculos após os eventos estudados, interpretando uma linguagem que não foi escrita, nem falada... Se devemos A Ilíada aos escribas que registaram a voz do poeta, a dívida não é menor para com os arqueólogos, nos registos do nosso passado.

por Miguel Villar


Betar
DESDE 1973 NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA
Amoreiras Residence, Lisboa